

Julia Duran Martinez (Levante Popular da Juventude) // SP, Brasil *"Vive, livre, sobreviva é sobre as dificuldades cotidianas que enfrentamos, sobre se cuidar como um ato revolucionário, pois estar viva já é uma vitória. É entender profundamente a conjuntura que enfrentamos, entendendo seus conflitos, que está na essência da vida, suas contradições que trazem desafios mas também potencialidades. É sobre no meio do caos se enraizar em nossas convicções e achar caminhos, através da solidariedade de classe, se ver nos nossos companheiros e através da luta, esperar um novo mundo."*

O processo de conscientização de jovens a partir do envolvimento em ações do Levante Popular da Juventude em Belo Horizonte-MG

Lucas Soares Rodrigues¹, Maria Luísa Magalhaes Nogueira² e Verônica Moraes Ximenes³

-
- ¹ É mestre em Psicologia, com área de concentração em Psicologia Social, pela Universidade Federal de Minas Gerais. Possui graduação em Psicologia, com ênfase em Processos Psicossociais, pela mesma universidade (2017). Cursa especialização em Direitos Humanos, Responsabilidade Social e Cidadania Global pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Atualmente é assessor técnico na Associação Estadual de Defesa Ambiental e Social (AEDAS), atuando na assessoria técnica independente aos atingidos e atingidas pelo rompimento da barragem da Vale S.A. em Brumadinho-MG. É militante do Levante Popular da Juventude e da Consulta Popular.
 - ² Professora do Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais. Atualmente coordena a Especialização em Transtornos do Espectro do Autismo e é integrante e co-coordenadora do LEAD (Laboratório de estudo e extensão em autismo e desenvolvimento) e do PRAIA (Programa de Atenção Interdisciplinar ao Autismo), todos vinculados à UFMG. É Doutora em Geografia/UFMG (2013), com tese sobre a produção do espaço e a experiência subjetiva contemporânea, tendo realizado estágio de doutorado sânduíche no Centro de Estudos Sociais da Universidade de Coimbra. Possui mestrado em Psicologia/UFMG (2004) e é psicóloga. Desenvolve pesquisas e projetos de extensão na temática Transtornos do espectro autista. Pesquisa e atua na interrelação entre diferença, espaço, alteridade e produção de subjetividade. Mãe de um menino, esteve em licença maternidade em 2011.
 - ³ Graduada em Psicologia pela Universidade Federal do Ceará (1992), Doutora em Psicologia - Universidad de Barcelona (2000) e Pós-Doutorado em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2011). É professora Titular da Universidade Federal do Ceará e do Programa de Pós-graduação em Psicologia. Vice-coordenadora do Programa de Pós-Graduação em Psicologia -UFC. Coordenadora do Núcleo de Psicologia Comunitária (NUCOM), que desenvolve atividades de ensino, pesquisa e extensão em Psicologia Comunitária. Direciona suas atividades acadêmicas nos seguintes temas: psicologia comunitária, implicações psicossociais da pobreza, políticas públicas, contextos de vulnerabilidade social, pessoas em situação de rua e outros. Pesquisadora do CNPq - PQ-2.

Resumo // Este artigo apresenta parte das discussões realizadas na dissertação de mestrado intitulada Modos de vida e enfrentamento à pobreza de jovens através de ações do Levante Popular da Juventude. Trata-se de uma pesquisa militante em psicologia social, apoiada no materialismo histórico-dialético, realizada junto ao movimento na Pedreira Prado Lopes, periferia de Belo Horizonte -MG. Seu objetivo foi compreender se e como o envolvimento de jovens em ações do Levante Popular da Juventude tem potencializado o surgimento de estratégias de enfrentamento à pobreza multidimensional, utilizando do conceito de conscientização para análise. Utilizou-se metodologia qualitativa, com entrevistas e observação participante. A conclusão é que a vivência dos jovens no movimento colabora para o processo de reconhecimento de si e do mundo, de maneira que consigam ressignificar suas experiências individuais e coletivas, abrindo uma janela de possibilidade para as organizações populares desenvolverem iniciativas de luta popular para a transformação de suas realidades.

Palavras-chave // juventude; conscientização; pobreza multidimensional

Introdução

Este texto apresenta parte das discussões realizadas na dissertação de mestrado intitulada *Modos de vida e enfrentamento à pobreza de jovens pobres através de ações do Levante Popular da Juventude*, submetida ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da Universidade Federal de Minas Gerais. Trata-se de uma pesquisa militante apoiada no materialismo histórico-dialético inserida no campo de estudos das implicações psicossociais da pobreza pela via do arcabouço teórico da Psicologia Comunitária, entendendo esta como uma área da Psicologia Social da Libertação (GÓIS, 2005).

Compreendendo a pobreza enquanto um fenômeno multidimensional (MOURA, *et al*, 2012; GUZZO, 2016; CIDADE, 2019), o texto discute a conscientização (FREIRE, 1979) enquanto conceito de análise do processo de enfrentamento de jovens envolvidos em ações do Levante Popular da Juventude. Para a compreensão de tal fenômeno, foi realizado um percurso metodológico que se constituiu de um período de observação participante, com registro em diário de campo, em atividades do Levante Popular da Juventude na Pedreira Prado Lopes, na periferia de Belo Horizonte -MG. Em seguida foram realizadas entrevistas semiestruturadas com dois militantes do movimento, e entrevistas mediadas pela autofotografia com duas jovens participantes do Podemos +, o cursinho popular do movimento.

A pesquisa apontou que a vivência dos jovens em movimentos sociais colabora para o processo de reconhecimento de si e do mundo, de maneira que os jovens consigam ressignificar suas experiências individuais e coletivas, abrindo uma janela de possibilidade para as organizações populares desenvolverem iniciativas coletivas de luta popular para a transformação de suas realidades.

Metodologia

Foi realizado um período de observação participante com registro em Diário de Campo, recurso que para Montero (2007) contribui para memória e se torna uma importante fonte de ideias para o pesquisador, mantendo também a riqueza situacional da investigação. O período de observação participante ocorreu de janeiro à julho de 2019, e foram acompanhadas atividades como a roda de

capoeira – outrora vinculada ao movimento – e as atividades do Podemos +. Neste momento, já atuava como educador do cursinho e passei também a atuar em sua coordenação, inserção que se manteve após o recorte temporal da pesquisa.

Durante observação participante emergem no campo da pesquisa muitas pessoas, entre educadores, educandas, militantes do movimento, funcionários da escola onde o cursinho ocorre e moradores da comunidade. Buscando evitar a apresentação excessiva de informações, a tabela abaixo sumariza apenas as pessoas que aparecem nas análises deste texto, apresentada abaixo com nomes fictícios escolhidos arbitrariamente:

Tabela 1. Participantes da observação participante

Nome	Relação com a Pedreira Prado Lopes	Relação com o Levante Popular da Juventude
Patrícia	Foi moradora, hoje mora em bairro próximo	Educanda do cursinho
Karina	Moradora	Educando do cursinho
Victor	Morador	Educando do cursinho
Gustavo	Moradora	Militante
Kelen	Moradora	Militante
Sabrina	Moradora	Militante - saiu do movimento durante a pesquisa
Leandro	Morador de bairro próximo	Militante

Fonte: elaborado pelo autor

Entre agosto e setembro de 2019 foram realizadas as entrevistas em profundidade. Foi adotado o recurso da entrevista em razão deste instrumento, já bem estabelecido na pesquisa em psicologia, ter o potencial de acessar não apenas linhas de fatos históricos, mas também dados subjetivos (BONI; QUARESMA, 2005), como a percepção, as crenças, valores e os modos de vida dos jovens. A tabela abaixo apresenta os jovens entrevistados, com nomes fictícios escolhidos por eles:

Tabela 2. Entrevistadas/os

Nome	Idade	Relação com a Pedreira Prado Lopes	Relação com o Levante Popular da Juventude	Entrevista em profundidade
Chisto	29 anos	É morador desde 2016.	Militante, deixou o movimento durante a pesquisa.	Semiestruturada
Pedro	29 anos	Não é morador	Militante, contribui na articulação de ações no território	Semiestruturada
Perséfone	20 anos	É moradora do Bomfim, bairro ao lado da Pedreira, e frequenta o cursinho na Pereira	Educanda do cursinho popular	Mediada por autofotografia
Ashley	19 anos	Mora em Ribeirão das Neves, região metropolitana de Belo Horizonte e frequenta o cursinho na Pereira	Educanda do cursinho popular	Mediada por autofotografia

Fonte: elaborado pelo autor

Até o momento da primeira entrevista, estava previsto um segundo encontro para aplicação de um questionário socioeconômico. Entretanto, passadas as entrevistas, a avaliação foi de que o questionário não caberia mais como instrumento de coleta de dados, uma vez que os procedimentos anteriores forneceram informações suficientes para o cumprimento dos objetivos desta pesquisa.

Por fim, as produções advindas do Diário de Campo e das Entrevistas foram analisadas segundo a técnica de Análise de Conteúdo Temática (BARDIN, 2011; GOMES, 2013), com auxílio do *software* Atlas Ti 7.5.18. Após transcrição e leitura preliminar, os documentos foram anexados ao *software* em um mesmo projeto, permitindo o processo de categorização a partir dos objetivos da pesquisa e sustentado pelo seu regencial teórico. Em seguida aos primeiros esforços de categorização, optou-se pela divisão da análise em dois projetos, de forma que o primeiro abarca as categorias relacionadas aos modos de vida dos jovens, enquanto o segundo diz respeito aos processos de conscientização (FREIRE, 1979). Este segundo é o objeto de discussão deste texto.

Discussão

Conscientização como fenômeno psicossocial de enfrentamento à pobreza

A conscientização é um conceito muito popularizado a partir da obra do educador popular Paulo Freire, apesar de não ter sido criado por ele, é central no desenvolvimento de sua proposta de educação popular. Para Freire (1979, 1982) as características de uma sociedade produzem tipos de consciências distintas, uma vez que a relação entre o indivíduo e a coletividade se distingue. De fato, a psicologia histórico-cultural demonstra que o psiquismo se constitui na relação do indivíduo para com os outros de uma cultura compartilhada, tendo a linguagem como ferramenta de mediação (VYGOTSKY, 2004), corroborando assim para a posição de Freire (1982).

Outros autores (GÓIS, 2005; CABRAL *et al.* 2015; VIEIRA; XIMENES 2012) já buscaram aproximar os termos conscientização em Freire (1982) e o de consciência em Vygotsky (2004), uma vez que ambos têm como base o materialismo histórico-dialético. Para Cabral *et al.* (2015) os autores se aproximam por compartilharem a dimensão política, a mediação social e a atividade como constituinte de tais conceitos. Por um lado, Vygotsky (2004; 2010) demonstra que a consciência individual se constrói por meio da atividade humana mediada pela linguagem compartilhada, de outro Freire (1982) defende que apenas pela ação coletiva em direção a transformação social se pode ocorrer o processo de conscientização. Contudo, há de se destacar que enquanto Vygotsky (2004; 2010) se debruça sobre a compreensão da formação do psiquismo, Freire (1979, 1982) refere-se à conscientização enquanto fenômeno político, trata-se da consciência política.

Para Freire (1979, 1972) há tipos específicos de consciência, cujas características estão constitutivamente relacionadas ao tipo de sociedade em que o indivíduo está inserido. O primeiro tipo de sociedade é a sociedade fechada, marcada pela violência, pela dominação, pela dependência e pelo distanciamento da elite e o povo (FREIRE, 1982). Trata-se de sociedades marcadas pelo silêncio e a submissão (FREIRE, 1982), as condições objetivas impõem aos sujeitos problemas vitais e preocupações mais imediatas (FREIRE, 1979, 1982), limitando a capacidade de apreensão da realidade (VIEIRA; XIMENES, 2008). Nestas sociedades

predominam a consciência de tipo semi-intransitiva, caracterizada por uma quase imersão dos sujeitos à sua realidade (FREIRE, 1982), a qual é compreendida de forma cristalizada e fatalista (VIEIRA; XIMENES, 2008), prescrita pelos desígnios divinos (FREIRE, 1982)

O segundo tipo de sociedade são as sociedades em transição (FREIRE, 1982). Estas são marcadas pela emergência do conflito entre o velho e o novo, a distância entre as elites e o povo diminuem permitindo certo diálogo (VIEIRA; XIMENES, 2008). Permanecem elementos das sociedades fechadas, mas a sociedade pode se mover em direção à sua transformação, contudo este processo que pode levar a libertação também é momento propício para golpes e movimentos reacionários (FREIRE, 1982). A exemplo, Freire considerava a que sociedade brasileira era uma sociedade deste tipo logo a data do golpe cívico-militar de 1964.

Quanto ao tipo de consciência, as sociedades fechadas são marcadas pela chamada consciência transitiva ingênua. Nesta a capacidade de compreender os problemas sociais se amplia, mas não há uma fronteira com a consciência semi-intransitiva (FREIRE, 1982). Assim, em um primeiro momento da transitividade há a consciência transitiva ingênua, momento em que há uma apreensão maior das problemáticas, mas estas são movidas mais pela polêmica que pelo diálogo (FREIRE, 1983). Este tipo de consciência muito lembra a conjuntural atual, uma vez que é propícia ao fanatismo (VIEIRA; XIMENES, 2008)

O terceiro tipo de consciência é a consciência transitivo-crítica e está vinculado às chamadas sociedades abertas e genuinamente democráticas (FREIRE, 1979, 1982, 1983). Este tipo de consciência está intimamente ligada ao diálogo e a construção coletiva, há uma interpretação aprofundada da realidade e dos problemas, substituindo explicações míticas por explicações de princípios causais (FREIRE, 1983). É, portanto, uma consciência mais aberta, dialógica e indagadora (VIEIRA; XIMENES 2008).

Uma leitura desatenta do processo de conscientização pode levar a interpretações do conceito a partir de um marco moral (XIMENES; VIEIRA, 2012) ou mesmo o acionando hierarquizações, especialmente a partir da epistemologia eurocêntrica (GONÇALVES, 2019). É importante indicar que uso de termos como mágico, mítico e ingênuo para a descrição dos diferentes tipos de consciência não se assemelha ao processo de hierarquização cultural que a colonialidade do poder desenvolve a partir de uma epistemologia eurocêntrica (QUIJANO, 2000; GONÇALVES, 2018, 2019). Freire (1979, 1982, 1983) não assume uma posição

hierárquica de cosmovisões, na verdade, demonstra que o processo de dominação e dependência aliena o ser humano e compromete sua ação na cultura, buscando anular aspectos culturais e introjetando o dominador como referencial de identificação (FREIRE, 1979).

Nas palavras de Freire (1979),

A conscientização é isto: tomar posse da realidade; por esta razão, e por causa da radicação utópica que a informa, é um afastamento da realidade. A conscientização produz a desmitologização. É evidente e impressionante, mas os opressores jamais poderão provocar a conscientização para a libertação: como desmitologizar, se eu oprimo? Ao contrário, porque sou opressor, tenho a tendência a mistificar a realidade que se dá à captação dos oprimidos, para os quais a captação é feita de maneira mística e não crítica. O trabalho humanizante não poderá ser outro senão o trabalho da desmitificação. Por isso mesmo a conscientização é o olhar mais crítico possível da realidade, que a ‘desvela’ para conhecê-la e para conhecer os mitos que enganam e que ajudam a manter a realidade da estrutura dominante. (pp. 16-17)

Assim, as elaborações de Freire (1979, 1982, 1983) não buscam a hierarquização dos diferentes aspectos culturais, mas sim uma análise do nível de possibilidade que os sujeitos têm de ação-reflexão sobre os processos sociais que estão inseridos. Para além, não se trata do processo de mudança de um ponto inicial a um ponto final estabelecido, este é um movimento de convencimento, não de conscientização (VIEIRA; XIMENES, 2012).

De fato, existe uma dimensão de anúncio da mudança por parte dos movimentos que se dispõem a mudar de forma revolucionária a realidade atual, contudo o anúncio deste “pré-projeto” (FREIRE, 1982, P.78) emerge da denúncia e se viabiliza pela práxis (FREIRE, 1982). Ou seja, o anúncio da transformação não é construção idealizada dela, trata-se de uma denúncia (denúncia + ação), só possível de ser realizada pela práxis em comunhão com o povo.

Outros autores (RUSKOWSKI, 2012; ARAÚJO, 2016, PALUDO *et al*, 2016) apontam que a ação política do Levante sinaliza que, ao buscar absorver as mais diferentes pautas da juventude, o movimento aponta para a busca de uma síntese entre compreender a realidade, anunciar um projeto e construir

conjuntamente a transformação. Assim, a ação do movimento ocorre sobre os modos de vida dos jovens, de forma a construir coletivamente saídas para seus problemas e expectativas.

Para Silva *et al* (2016) o enfrentamento à pobreza tem relação com a vivência cotidiana dos sujeitos, é uma forma de ação conjunta de ampliar as respostas cognitivas, comportamentais e afetivas para lidar com a situação vivenciada. Em semelhança, para Cidade (2019) as estratégias psicossociais de enfrentamento são um conjunto de formas de lidar com as adversidades em um determinado contexto histórico-cultural e integra a capacidade de resignificar a realidade e agir sobre ela. A autora propõe um modelo de condições para o enfrentamento e a transformação social que é composto de *continuum* em que o enfrentamento é constituído por um primeiro nível de reação, seguido de um segundo nível de adaptação e, subsequente a este, é possível o estabelecimento de um processo de transformação social.

O nível de reação refere-se a situações em que o sujeito tem de emitir uma resposta imediata às situações que vive, trata-se de uma vivência com pouco acesso a recursos financeiros e redes de apoio social mais práticas (CIDADE, 2019). Por essas características, encontra-se no nível reação a prevalência da consciência semi-intransitiva (FREIRE, 1979, 1982, 1983). Já o nível da adaptação é quando o sujeito possui melhor acesso aos recursos financeiros, há o estabelecimento de redes de apoio social que vão além das necessidades imediatas, as relações de solidariedade podem ir surgindo e a identidade cultural pode ser mais valorizada (CIDADE, 2019).

No momento da adaptação o sujeito consegue ampliar sua capacidade de apreensão e ação na realidade (CIDADE, 2019), é, portanto, o momento de prevalência da consciência transitiva-ingênua (FREIRE, 1979, 1982, 1983). O terceiro momento é a transformação que segue o enfrentamento, quando o sujeito tem acesso às políticas públicas, as organizações comunitárias e populares estão fortalecidas e, com acesso aos direitos fundamentais, o sujeito pode agir para a transformação (CIDADE, 2019). É, portanto, o momento de prevalência da consciência transitiva-crítica (FREIRE, 1979, 1982, 1983).

Existe uma aproximação entre o modelo de capacidade de enfrentamento e transformação social proposto por Cidade (2019) e o processo as descrições sobre os tipos de consciência e o processo de conscientização de Freire (1979, 1982, 1983). Tal aproximação nos permite compreender a dimensão psicossocial

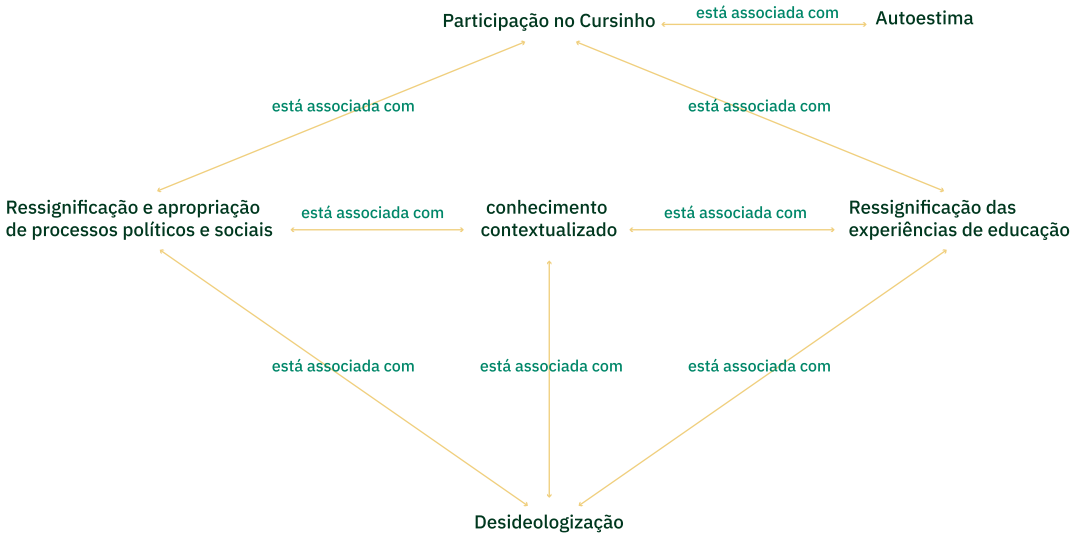
do processo de conscientização. As ações do Levante Popular da Juventude estão compreendidas no nível de adaptação do modelo de enfrentamento. As ações presentes na observação participante envolvem jovens que já possuem algum tipo de apoio social e acesso à direitos. São jovens que vivenciam situações de privação e dominação, mas que já conseguem contar com um aporte que permite agir de maneira mais planejada às adversidades que vivenciam,

os sujeitos já ultrapassaram a etapa anterior de reação e ensaiam ações de maior apropriação reflexiva da realidade, com abertura para a problematização e reconhecimento do potencial da articulação comunitária para a mudança das condições locais (CIDADE, 2019, p. 243)

Para Cidade (2019), no momento da adaptação se não há acesso a espaços coletivos de transformação, o indivíduo dirige sua capacidade criativa para a busca de soluções individuais. Por exemplo, acesso à educação superior, por estar relacionada com a melhoria da qualidade de vida (D'AVILA *et al*, 2011), pode se apresentar como um caminho individual de enfrentamento. Contudo a ação do movimento neste momento marca um diferencial. Por mais que os jovens possam buscar no cursinho Podemos + um meio para o acesso à educação na perspectiva despolitizada e ideologizada, a participação no cursinho permite que os jovens experimentem espaços de construção coletiva que impulsionam um movimento de criticidade.

Assim, entendo que as ações do movimento buscam a construção de uma rede de solidariedade, são espaços de construção de apoio social popular, que surgem como resistência e alternativa. As ações se baseiam por um processo de denúncia das privações experimentadas pela juventude, bem de anúncio da construção coletiva de suas soluções. Assim, tanto entre os militantes quanto entre as educandas há o início de um movimento de transição entre a consciência transitiva-ingênua e a consciência transitiva crítica, em que os jovens transformam suas visões sobre si e sobre o mundo. A figura abaixo compreende este processo entre os jovens do cursinho:

Figura 1. Mapa Categoral: Conscientização/Educandas



Fonte: Elaborado pelo autor

Baseado na educação popular, a participação do cursinho não se limita a uma posição passiva da educação bancária (FREIRE, 1983). Apesar de possuir um núcleo de coordenação, chamado de núcleo pedagógico, o planejamento do cursinho é feito de forma coletiva, permitindo aos jovens tomar decisões acerca de seu processo educativo. Um momento especial são as chamadas reuniões da comissão político-pedagógica, composta por educadores e educandos, estes espaços são apropriados para avaliação do cursinho e compartilhamento de experiências e pontos de vista. Destaco o compartilhamento de Patrícia em uma destas reuniões, conforme diário de campo:

Primeiro ela disse que acha que está ‘super militante’ agora, que está até chata de tanto falar disso, contou que votou no Bolsonaro e que lembra da filha comentar que ele ia fechar a escola dela, e agora ela entende que ele quer fechar a escola que ela quer entrar (a universidade). Contou que mudou diversas opiniões e que abriu os olhos pra várias coisas, através do cursinho e da leitura de Brasil de Fato. O que mais me marcou, contudo, é a resignificação que ela fez da educação; ela disse que

há anos faz o ENEM mas nunca tomou isso com empenho que tomou esse ano, e o cursinho foi um bom suporte, ela disse que passou a dar mais valor à sua educação, e por consequência passou a dar mais valor à educação de sua filha e começou incentivar mais e acompanhar mais a vida escolar desta. (DC, 25 de maio de 2019)⁴

O impacto do envolvimento da educanda parece, assim, ter repercussões sobre seu comportamento e até mesmo geração seguinte de sua família, ao dar mais valor à educação da filha. Em outra situação, durante o ato da Greve Geral, disse que já era parte do Levante e queria uma bandeira (DC, 14 de junho de 2019), fala que repetiu em outras ocasiões. A educanda estuda para concurso público, mas já declarou também interesse em fazer sociologia (DC, 27 de junho de 2019).

A percepção de construção coletiva também se encontra no relato da reunião ocorrida ao fim do semestre, quando Perséfone ao avaliar o andamento do cursinho em relação à esta reunião de maio:

A Perséfone disse que sente que a gente evoluiu desde a última reunião, destacou que debatemos assuntos muito interessantes, disse que os educadores sempre evoluem temais atuais nas explicações e usou por exemplo o caso da questão do petróleo. Relatou que o tema foi discutido em sociologia, mas também em outras disciplinas como geografia quando o professor estava discutindo geografia física e explicou a situação da Petrobrás. (DC, 18 de julho de 2019)

A construção de conhecimento contextualizado é tida por Paulo Freire (1983) como essencial à uma prática educativa direcionada a liberdade e ao processo de conscientização. Tal processo permite as educandas a ressignificação e apropriação de processos políticos e sociais, como podemos ver no relato de Ashley:

Por exemplo, deixa eu ver... É... Eu sei que essas pessoas que têm muita terra, grande, tipo têm muita mais muita terra mesmo no Brasil, eles ganharam isso... Isso vem há anos atrás lá da Europa, de quando Portugal invadiu o Brasil aí deram terras pras pessoas, daí essas pessoas

4 Neste texto, citações ao Diário de Campo serão expressas com a sigla DC, seguido da data.

é... Ficaram sendo donas daquelas terras. E quem tem grandes terras são essas pessoas de várias e várias linhagens. Então eu acredito, então acredito que ela não saiba disso. Isso seria algo interessante dela saber também, tanto do pessoal lá do interior porque eu não faço a mínima ideia de como é que eles tem aquelas terras no entorno, de como é que eles foram parar lá. E ela teria uma base disso, que ela mora lá e também não sabe. (Ashley, 2019)⁵

A percepção de um conhecimento contextualizado desperta na jovem o interesse de compartilhá-lo com os familiares que vivem em condições afetadas pelo conhecimento que adquiriu. Ou seja, há um endereçamento do conhecimento para a coletividade. Perséfone, em sua entrevista, também relata a mudança na percepção de elementos da realidade, narrando um processo de desideologização (FREIRE, 1979) acerca da ideologia da meritocracia:

P: É, não, é... no caso a gente pensa assim, é, muita gente fala ‘ah, porque se você se esforçar você consegue, que não sei o que’, não é assim, as oportunidades não são as mesmas pra todo mundo, nem todo mundo vai conseguir por causa do esforço, não é esforço que vai te fazer seguir pra frente, ajuda mas não é aquilo que vai fazer a diferença, entendeu?

L: Você sempre pensou assim?

P: Não. Eu comecei a pensar assim recentemente mesmo. Tanto com as coisas do cursinho, quando com as coisas fora mesmo. Acho que é, que como eu falei, a mente clareou assim sabe? Até então, até meu ensino médio mais ou menos, eu ainda achava que com esforço, com dedicação, a gente realmente conseguia passar, a gente conseguia aquilo que a gente queria, mas as oportunidades não são as mesmas pra todo mundo, não tem como, assim, no sistema que a gente vive hoje, não tem como você se equiparar com alguém que estudou numa escola particular, que tem ‘n’ oportunidades, enquanto a gente estudou numa escola pública

5 Neste texto, referência às entrevistas serão apresentadas entre parênteses, com nome da/o entrevistada/o e ano.

que o ensino não era o mesmo que o ensino de uma escola particular, totalmente diferente (Perséfone, 2019)

Na dimensão da apreensão dos fenômenos políticos, o envolvimento com o cursinho também permite a ressignificação das vivências educativas anteriores. As jovens comparam suas vivências anteriores de educação formal, compreendendo-as como espaços de educação bancária (FREIRE, 1983). A horizontalidade nas relações estabelecidas no cursinho é avaliada como um diferencial em relação as experiências anteriores:

P: Por exemplo, na escola a gente tá ali todo muito em fileira, assim, não pode conversar com o coleguinha, tem aquela coisa assim de tá, de ter o mapa de sala, então a sala é toda organizada de um jeito e tals... no cursinho não, a gente é organizado em um círculo assim, uma meia-lua né, e, e isso faz uma diferença imensa, a gente tá ali em contato um com o outro, a gente consegue ver o outro, a gente tem uma visão mais clara ali da, da, da aula, do professor, do que que tá explicando, que a gente consegue concentrar melhor, parece sabe, quando tem, tá ali na fileira direitinho, tá com aquele monte de gente na sua frente, tá olhando que que o outro tá fazendo, o que tá acontecendo, começa a distrair, começa a conversar, então é totalmente diferente, até no jeito de organizar. (Perséfone, 2019)

O envolvimento no cursinho é assim percebido como fator de mudança na postura individual frente ao mundo, Ashley conta que o envolvimento com o cursinho permitiu de se apropriar de temas como a política: “sobre política por exemplo, até mesmo religião, sobre... sobre o nosso Brasil, coisas que eu não fazia ideia na escola” (Ashley 2019). Para além, Perséfone destaca que também percebe uma mudança no envolvimento com o cursinho, segundo a jovem:

P: Mas é, tanto a minha postura mudou, meu jeito de, de sentar numa cadeira, por exemplo, quanto os meus pensamentos, assim sabe? A gente via muita fake news, muita coisa de internet, sobre política, sobre, enfim, ‘n’ coisas, e aí a gente aqui no cursinho é muito esclarecido sobre tudo sabe? É um clareamento assim que dá na mente

L: É?

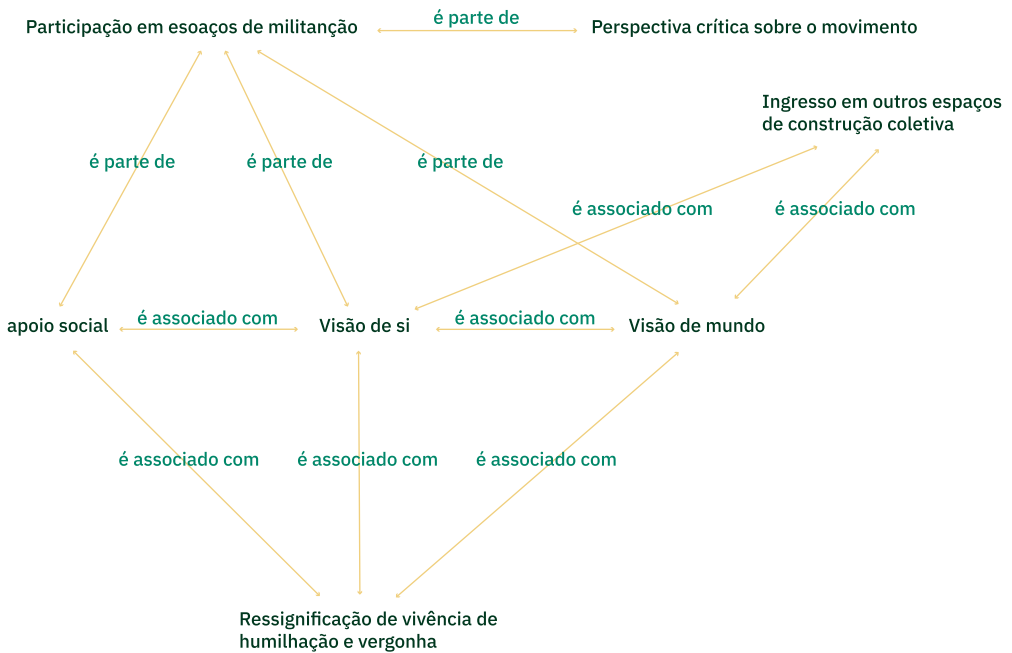
P: É

L: Você falou como você senta na cadeira diferente...?

P: É, eu comecei, é, e eu, eu, andava sempre curvada, tanto na rua porque eu sempre fui muito tímida e muito de cabeça baixa, num olhava pros olhos assim, eu não consigo com alguém olhando no olho. E ai eu passava na rua eu olhava assim e não conseguia muito olhar pra cara das pessoas mesmo. E aí eu fui desenvolvendo assim, a gente foi tendo aula no cursinho, e ai foi passando o ano, hoje em dia eu já consigo ter uma postura melhor, andar ereta na rua assim, ter mais confiança, e, e, saber que tipo as coisas que a gente passa no dia a dia, não é só a gente que ta passando, muita gente ta passando também, entendeu? então tipo, isso dá uma confiança a mais pra gente, pra gente poder erguer a cabeça e seguir em frente. (Perséfone, 2019)

Os relatos aqui apresentados sinalizam que o envolvimento das jovens com o cursinho tem sido um importante caminho para o estabelecimento de estratégias psicossociais de enfrentamento à pobreza (CIDADE, 2019). As crenças ideologizadas aos poucos vão dando lugar a perspectivas mais crítica sobre o mundo, ao mesmo tempo em que são experimentados afetos positivos que impactam na autoestima dos jovens. Aponta-se um movimento de transição entre a consciência intransitiva-ingênua e a consciência crítica (FREIRE, 1979). Contudo há de se advertir que não quer dizer que esta transição esteja concluída, mas sim que há potência para seu desenvolvimento, uma vez que ainda há um envolvimento apenas inicial com experiências de organização coletiva.

Já entre os militantes, estando inseridos em um processo de organização coletiva de um movimento, outras implicações são percebidas. A imagem abaixo representa o processo de conscientização entre os militantes:

Figura 2. Mapa Categorial: Conscientização/Militantes

Fonte: Elaborado pelo autor

O movimento é percebido como um forte provedor de apoio social de todos os tipos. Para Pedro, por exemplo, o movimento é a principal fonte de apoio, ao perguntá-lo quais espaços de apoio ele possui sua resposta foi: “Olha, é mais o movimento, é mais o movimento na verdade” (Pedro, 2019). O envolvimento com o movimento proporciona aos jovens contato com uma diversa rede de contatos. A participação em espaços de compartilhamento de experiências, bem como os de formação política, são vistos como espaços de transformação:

Foi, com certeza, porque aí eu conheci pessoas, né, da Frente Territorial, da Frente Estudantil de vários lugares do Brasil [...] E aí tinha um momento sempre inicial, que a gente tava começando essa militância, que era o momento de depoimentos das pessoas né, aí as pessoas contavam coisas que tinha acontecido com elas pra elas se identificarem como pessoas negras, porque nem elas sabiam que elas eram negras, e nem muito menos eu, porque eu não sabia que existia raça no sentido de

racismo ou, de raça mesmo, não sabia. É... então nesses espaços através dos depoimentos eu me choquei porque eram depoimentos parecidíssimos com o meu, com a minha história, e depois a formação vinha e falava ‘olha isso vem daqui, daqui, daqui, daqui’ então pontuava de uma maneira mais profunda. é... então pra mim foi uma transformação muito grande, num primeiro momento eu compreendi essa questão da raça como uma, uma noção que explicava o porque eu era inferior, porque as pessoas viam como inferior, então eu assimilei essa questão do negro como sendo alguém inferior num primeiro momento, por causa desses depoimentos drásticos, por causa dessa dores né que a a gente compartilhava. (Chisto, 2019)

O processo de identificação e debate permite uma ação-reflexão de Chisto em relação as suas experiências anteriores de humilhação e vergonha (ZVALETA, 2011). O que era experimentado de forma individual passa a ser coletivizado, construindo-se como apoio emocional. Para além, Chisto relata que a militância no Levante proporcionou o contato e a construção coletiva: do

do ponto de visto dos negros, do que era ser negro, então hoje em dia para mim é um sinal de poder e também de ancestralidade né uma ligação com a, com os índios também, que eu fui pesquisar minha história de família, eu tenho uma ligação muito forte com os índios, é.. e com também com os negros ne, e portanto com a a África e portanto com o Brasil” (Chisto, 2019)

A militância é assim um espaço de fortalecimento da identidade cultural de Chisto, sendo o resgate cultural uma dimensão importante da construção dos processos de transformação social (CIDADE, 2019). No relato de Chisto, percebe-se que processo de conscientização iniciado no movimento se estende e continua em espaços que vão além das ações dele. Ele conta que o contato com a capoeira permitiu outros tipos de compreensão da ancestralidade, que buscava levar para os espaços do Levante:

É... eu ia pra esses espaços e ia trazendo a visão que a capoeira me deu, porque eu percebi depois com o tempo que mesmo com as formações que a gente tinha dentro da militância, elas eram muito insuficientes

pra contar a história do ponto de vista do nosso povo, né? E que a capoeira contava, numa forma muito simples que é sua própria existência contar essa história né, os cantos da capoeira contam essa história, os sentidos da capoeira apontam esse caminho que foi feito né, então a capoeira ela me reconectou com os meus ancestrais e também me, me deixou a par da força dessa herança, né, porque ela própria é uma herança né, então por isso ela cumpriu esse papel de abrir esse caminho muito forte (Chisto, 2019)

Semelhante a Chisto, Pedro também relata que o envolvimento com o movimento proporcionou espaços de reflexão e formação da compressão de si no mundo:

Olha, o movimento me ajudou a perceber quem eu sou, é, racialmente sabe? me ajudou a entender a minha orientação sexual. Isso não foi outro lugar, foi o movimento, e a partir disso eu me entendi como sujeito, e como sou e que assim eu sou, e é isso sabe? que não sou pior ou melhor por ser assim (Pedro, 2019)

O apoio emocional construído nos espaços do movimento é fundamental para a construção positiva da visão de si de Pedro, como mostra o relato acima. Para além, na entrevista o jovem conta que pela convivência no movimento pode refletir sobre sua sexualidade:

É porque eu entrei, eu era hetero, né? Eu era, meu filho, tive uma pequena temporada hetero, aí depois que a gente foi percebendo, né, a partir de certas vivências, quando você convive com outras pessoas, né, que não são heteros, você fala assim 'uai gente, acho que tem algo diferente em mim, deixa eu compreender o que que é' e na medida que você convive com semelhantes você vai amadurecendo também né, na medida que essas outras pessoas também te ajudam a amadurecer isso né, isso foi algo que aconteceu bastante, né. Pessoas do movimento diretamente né, lidaram comigo no sentido de me ajudar neste processo também né, que não é fácil também, que pode ser muito violento também para muitas pessoas né, de compreender a sua sexualidade né, enfim, principalmente numa sociedade como essa, né. De pensar essa

relação, sei lá, com família, com amigos e as coisas, né. Então sobre isso o movimento me ajudou diretamente.

Assim, nos relatos dos militantes, encontramos que a militância tem sido um meio de acesso a espaços de construção coletiva de suas experiências. Os jovens encontram na construção do movimento, de seus diversos espaços, e das relações ali desenvolvidas ferramentas de apropriação do mundo. Estabelecem uma rede de apoio social que permite ressignificar suas experiências e construir, a partir da ação política coletiva, um modo de compreender os fenômenos e agir sobre eles.

A participação no movimento não é um processo acrítico, é, na verdade, um processo ativo e coletivo. Assim é possível perceber que os militantes possuem uma visão crítica da atuação do movimento, buscando compreender os limites da ação do movimento e buscando resolvê-los. A seguir discute-se algumas das questões narradas pelos jovens militantes, bem como outras observadas na pesquisa de campo.

Contradições e desafios

Como já sinalizado, construir um projeto que contemple as diferenças, desigualdades e a diversidade de experiências entre os jovens não há de ser uma tarefa simples. Os desafios vão desde o dia a dia do trabalho de base nas ações do movimento, até as estruturas de organização e os debates sobre a tática e a estratégia política adotadas. Para Pedro, um dos principais desafios do movimento é construir o método de trabalho nas periferias:

Eu acho que pra ter mais condições de, a gente tem múltiplas experiências no Brasil, de diversas formas, sabe? É até complicado, assim as vezes, sabe? Opinar. Mas eu acho que umas das coisas que a gente temos que refletir, que pensar, é sobre como que a gente faz essa abordagem, sabe?, das pessoas, como que a gente estabelece essas relações, sabe? Porque cada um faz de uma forma, da forma, da forma como (inaudível) espaço sabe? , mas será tem uma forma melhor de se fazer isso, por que cada um faz de um jeito, tem gente que faz de uma forma ruim, tem gente que faz de uma forma boa. (Pedro, 2019)

Este desafio encontra-se exemplificado nos desafios que envolvem a construção da célula do movimento da Pedreira Prado Lopes. Observa-se a presença de Chisto e Sabrina no território foi um elemento de fortalecimento do trabalho do movimento na localidade. Estes militantes, por serem já antigos e adeptos do projeto político do movimento, podem atuar na Pedreira como mediadores (SILVA; RUSKOWSKI, 2010). Segundo as autoras, na dinâmica do trabalho em células do Levante os mediadores cumprem o papel de conectar os projetos e estratégias do Levante e do campo político aos projetos e estratégias dos jovens recrutados pelo movimento na localidade.

Contudo, essa mediação não existe sem contradições. Chisto (DC, 10 de jun. de 2019) narra dificuldades de aproximação das instâncias de direção com o trabalho na frente territorial. Para ele o movimento prioriza o trabalho na frente estudantil, e compara o peso que o movimento dá para a construção de um Congresso da UNE em relação às ações na Pedreira. Destaca também que há militantes que possuem inserção na comunidade e que poderiam construir ações no território, mas que o movimento os coloca em tarefas de direção e secretaria. Para Chisto, esta situação em relação ao trabalho da frente territorial pode ser explicada pela origem do Levante em Minas Gerais que, segundo ele, ao contrário da experiência gaúcha, que começou com ação na periferia, os grupos que deram base ao movimento em Minas Gerais atuavam no âmbito do Movimento Estudantil. Em sua avaliação há muita potencialidade para atuação no território e o trabalho de organização popular tende a aumentar, contudo se o movimento não se atentar não vingará.

Chisto conta que ele e Sabrina – que se tornou sua companheira e com quem tem um filho, na época grávida – estão saindo do movimento. Ao ser perguntado se sua saída era em razão da avaliação que faz sobre o território, ele responde que não, que estes seriam motivos para ficar, pois acredita na ferramenta e no projeto, e que saí em decorrência de mudanças em sua vida. Ao que parece de fato a saída em sido sem ruptura, o que também se confirma pela sua fala de “você não sai do Levante né, não tem uma ficha de desfiliação” (DC, 10 de jun. de 2019), que junto de sua declaração acerca do Levante mostra sua identificação com a organização.

Talvez a questão quanto ao processo de engajamento/desengajamento, seja compreender o quanto as dimensões da vida do indivíduo que o impedem de participar ativamente das atividades do movimento, ou mesmo o levam a sair (ou nem entrar), estão vinculadas à própria condição de vida, em situação de pobreza,

experimentadas por esta juventude. Nesse sentido cabe entender também até que ponto o movimento consegue dar resposta a essas questões. A geração de renda para a juventude tem sido um desafio constante do movimento, em especial nas periferias, como relata Pedro:

Não, no Brasil, né. Tipo assim, curso de cabelereiro, venda de artesanato, de coisas, de comidas mesmo, sabe? que as pessoas fazem, doces, etc. E coisas muito muito pequenas, mas que são primeiros passos pra se pensar em como que se cria isso, porque até, porque assim, criar, sei lá, uma sócio-produção além é um negócio é difícil, né? É um negócio que custoso né?, é um negócio que requer um investimento que a gente não tem, né? Então que tipo de coisa que se cria em que as pessoas de fato têm condições de fazer, de trabalhar e que oferece os mínimos retornos, né? Isso é tudo muito incipiente, ainda são muitas tentativas, muitas, muitas tentativas, né, e apesar de muitas intenções eu ainda acho faltam ainda muitos braços, né? Pra se colocar em prática, sabe?, essas tentativas ainda, sabe?, porque por mais que as ideias estejam muito boas, eu acho que ainda está faltando braço para se executar, sabe? (Pedro, 2019)

Há contradições e dificuldades também nas ações do cursinho popular. Destas se destacam a evasão de educandos, a mediação dos ritmos dos mais jovens e mais velhos, dentre outras. Uma dificuldade que se destaca é a de inserção na comunidade, mesmo possuindo uma rede potencial para inserção, o cursinho enfrenta dificuldades de fazê-lo sendo que, desde o início pude presenciar vários relatos de pessoas da comunidade dizendo que a iniciativa havia sido mal divulgada no território, inclusive na aula inaugural (DC, 18 de mar. de 2019).

Outro desafio é o engajamento da juventude nas discussões políticas promovidas pelo cursinho, apesar de ser uma turma politizada, o Núcleo Pedagógico avalia que há dificuldade em trazer os jovens para outras iniciativas (17 de jun. de 2017). Um debate promovido junto com o Leandro sobre a reforma da previdência, por exemplo, não contou com a presença dos jovens (DC, 11 de jun. de 2019). O mesmo se aplica aos atos ocorridos em defesa da educação em 15 e 30 de maio de 2019, e a Greve Geral de 14 de junho do mesmo ano. Em contrapartida há entre os mais velhos exemplos de mobilização para a ação política. É o caso de

Kátia (39 anos), que esteve presente nas três manifestações mencionadas acima, e Priscila (36 anos) que esteve na Greve Geral.

A posição adotada pelos jovens militantes de sinalizar estes desafios demonstra uma preocupação com a ação consequente do movimento. A capacidade de exercer esta crítica está vinculada ao processo de conscientização e é um esforço presente, e ao mesmo tempo um desafio, no Levante criar espaços democráticos para debate e resolução destas questões. Como bem sinaliza Paulo Freire (1982) é um grande erro das organizações revolucionárias anunciar sozinhas o seu projeto de sociedade, neste caso as entrevistas e a observação participante que o vínculo com o povo e a construção coletiva das lutas é uma preocupação central do movimento.

Considerações finais

A pesquisa demonstra que o envolvimento dos jovens com ações do Levante Popular da Juventude tem permitido o estabelecimento de estratégias psicossociais de enfrentamento à pobreza. Tanto a participação no cursinho popular Podemos +, quanto a militância no Levante possibilita aos jovens a ampliação de suas redes de apoio social, permitindo o contato com semelhantes e diferentes, bem como se constituem espaços abertos de participação. Neste sentido, os participantes e militantes tem acesso a conhecimentos e experiências diversas e também se tornam agentes ativos do processo em que participam, possibilitando os processos de ressignificações das visões sobre si e sobre o mundo. Ou seja, permitem um processo de conscientização (FREIRE, 1979, 1983, 1984).

Também é possível perceber que há uma série de desafios ao movimento. A convivência de jovens com experiências diversas exige esforço constante do exercício da democracia interna no Levante e em suas ações. Para além, também há desafios da ordem da adaptação das ferramentas de trabalho de base, bem como de construir alternativas de enfrentamento as adversidades vividas pelos jovens, em especial no âmbito da geração de renda. A preocupação dos militantes com estas questões sinaliza que há espaços no movimento para este exercício democrático, assim como para o embricamento do movimento com as demandas da juventude que se propõe a organizar.



Referências bibliográficas

ARAÚJO, J. S. Juventude, Participação e Projeto Popular: a experiência político-organizativa do movimento “Levante Popular Da Juventude”. 2012 (Dissertação de mestrado) Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Repositório Institucional UFRN. <https://repositorio.ufrn.br/handle/123456789/21486>

BARDIN, L. Análise de Conteúdo. 2ª Ed. Edições 70. 2011

BONI, V. & QUARESMA, S. J. Aprendendo a entrevistar: como fazer entrevistas em Ciências Sociais. Em Tese - Revista Eletrônica dos Pós-Graduandos em Sociologia Política da UFSC. V. 2, n. 1, p. 68-80, 2005. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/emtese/article/view/18027/16976>. acessos em 06 ago. 2021.

CABRAL, Daniel Welton Arruda et al . Vygotsky e Freire: os conceitos de “consciência” e “conscientização” Vygotsky y Freire: los conceptos de “conciencia” e “concientización”. Pesqui. prá. psicossociais, São João del-Rei , v. 10, n. 2, p. 412-422, dez. 2015 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-89082015000200017&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 ago. 2021.

CIDADE, E. C. Estratégias psicossociais de enfrentamento à pobreza: um estudo sobre o fatalismo e a resiliência em pessoas residentes na zona rural brasileira. 2019. Tese (Programa de Pós-Graduação em Psicologia) Universidade Federal do Ceará. Repositório Institucional UFC <http://repositorio.ufc.br/ri/handle/riufc/45341?mode=full>

D’AVILA, G. T., KRAWULSKI, E., VERIGUINE, N. R. & SOARES, D. H. P. “Acesso ao ensino superior e o projeto de ‘ser alguém’ para vestibulandos de um cursinho popular”. Psicologia e Sociedade, v.23, n.2, p. 350–58, 2011. Disponível em 10.1590/S0102-71822011000200016. Acesso em 06 de ago. 2021.

FREIRE, P. Ação cultural para a liberdade. 8a. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1982

FREIRE, P. Conscientização: teoria e prática da libertação: uma introdução ao pensamento de Paulo Freire. 2a. Ed. São Paulo: Cortez & Moraes, 1979.

FREIRE, P. Educação como prática de liberdade. 14a. Ed. São Paulo: Paz e Terra, 1983

GÓIS, C. W. Atividade Humana. In: Góis, C.W. Psicologia Comunitária: atividade e consciência. Fortaleza: Publicações Instituto Paulo Freire, 2005, p. 75-90

GOMES, R. A análise e interpretação de dados de pesquisa qualitativa. In: Minayo, Maria Cecília de Souza (org). Pesquisa social: teoria, método e criatividade. pp. 79-108. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2013

GONÇALVES, B. S. A Dupla Consciência Latino-Americana: contribuições para uma psicologia descolonizada. Psicologia Política, v.16, n. 37, p. 397-413, 2016

GONÇALVES, B. S. Nos caminhos da dupla consciência – América Latina, psicologia e descolonização. Edição do Autor, 2019

GUZZO, R. S. L. (2016). A (des)igualdade social e a Psicologia: Uma perspectiva para o debate sobre a pobreza. In XIMENES, V., NEPOMUCENO, B., CIDADE, E., MOURA JÚNIOR, J. (Org). Implicações Psicossociais da Pobreza. p. 289-310. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016

JAUMONT, J. & VARELLA, R.V.S. (2016). A Pesquisa Militante na América Latina: trajetória, caminhos e possibilidades. Revista Direito e Práxis Vol. 07, N.13, p. 414-464, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.12957/dep.2016.21833>. Acesso 06 de ago. 2021.

MARTÍN-BARÓ, I. Psicologia de la liberación. El Salvador: UCA Editores, 1998.

MONTERO, M. Influencias y desarrollos teóricos en la psicología comunitaria. Em: M. Montero. Introducción en la psicología comunitaria, (pp.115-142). Barcelona: Paidós, 2004

PALUDO, C., Santos, M. G. C. & TADDEI, P. E. D. (2016). A educação popular no Levante Popular da Juventude do Rio Grande do Sul: renovações e permanências. Revista e-Curriculum, v.14, n02, p. 545-571, 2016. Disponível em: <https://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum/article/viewFile/27525/20353>. Acesso em 06 de ago. 2021.

QUIJANO, A. Colonialidade do Poder, eurocentrismo e América Latina. In LANDER, E (org.). A Colonialidade do Saber. Eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latinoamericanas. CLACSO, 2000. Disponível em: <http://biblioteca.clacso.edu.ar/clacso/sur-sur/20100624090901/colonialidade.pdf>. Acesso 06 de ago. 2021.

RUSKOWSKI, B.O. Do incômodo à ação beneficente e da indignação à ação contestatória estudo sobre condições e mecanismos de engajamento nas Tribos nas Trilhas da Cidadania e no Levante Popular da Juventude. 2012 (Dissertação de mestrado) - Programa de Pós-Graduação em Sociologia, Universidade Federal do Rio Grande do Sul]. <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/70675/000875860.pdf?sequence=1>

SILVA, L. B., FEITOSA, M. Z. S., NEPOMUCENO, B. B., SILVA, A. M. S., XIMENES V. M. & BOMFIM, Z. A. C. Apoio Social como modo de enfrentamento à pobreza. In XIMENES, V., NEPOMUCENO, B., CIDADE, E., MOURA JÚNIOR, J. (Org). Implicações Psicossociais da Pobreza. p. 289-310. Fortaleza: Expressão Gráfica e Editora, 2016

SILVA, M. K.; RUSKOWSKI, B. O. (2010) Levante juventude, juventude é pra lutar: redes interpessoais, esferas de vida e identidade na constituição do engajamento militante. Revista Brasileira de Ciência Política. n. 3, p. 23-48, 2010 Disponível em <https://periodicos.unb.br/index.php/rbcp/article/view/1670>. acessos em 06 ago. 2021.

VIEIRA, E. M., E XIMENES, V. M. Conscientização: Em que interessa este conceito à psicologia. Psicologia Argumento ed. 26, n.52, p. 23-33. 2008 https://www.researchgate.net/publication/37686653_CONSCIENTIZACAO_Em_que_interessa_este_conceito_a_psicologia

VIEIRA, E. M.; XIMENES, V. M. Atividade comunitária e conscientização: uma investigação a partir da participação social. Barbaroi, Santa Cruz do Sul , n. 36, p. 91-112, jun. 2012 . Disponível em <http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-65782012000100006&lng=pt&nrm=iso>. acessos em 06 ago. 2021.

VYGOTSKY, L. S. A formação social da mente. São Paulo: Martin Fontes, 2004

VYGOTSKY, L. S. Teoria e método em psicologia. São Paulo: Martin Fontes, 2004

ZAVALETA, D. Pobreza, vergüenza y humillación: una propuesta de medición (PNUD, Ed.; Boletim-76). Revista Desarrollo Humano. (2011, agosto). <https://www.ophi.org.uk/wp-content/uploads/Verguenza1.pdf>